

O INTÉRPRETE DE LÍNGUA DE SINAIS EDUCACIONAL: O TRABALHO COLETIVO E A CONTRATRANSFERÊNCIA

*THE EDUCATIONAL SIGN LANGUAGE INTERPRETER: THE COLLECTIVE WORK AND
THE COUNTERTRANSFERENCE*

Thiago Nanuzi Verza
thiagolibras@gmail.com

Colaboração e Agradecimentos

Professor Eduardo Fraga de Almeida Prado; Psicóloga Eliane de Vasconcellos Ortiz;
Intérpretes: Amanda Assis; Livia Vilas Boas; Mirian Caxilé; Rubens Pessoa.

RESUMO

Para a psicanálise, as manifestações psíquicas não devem ser percebidas como aleatórias, pois sempre carregam uma intencionalidade latente. Nesta perspectiva psicodinâmica, fundamentada nas contribuições freudianas sobre o fenômeno da contratransferência, discorre-se a respeito das reações mobilizadas no intérprete de língua de sinais educacional que podem interferir diretamente na qualidade da sua relação com o aluno surdo. Diante da problemática evidenciada neste estudo de caso, sugere-se a criação de núcleos de orientação, compostos por psicólogos (internos) e consultores (externos) que assistam aos profissionais intérpretes, para promoção e acompanhamento das devidas intervenções no manejo das implicações afetivo-emocionais inerentes ao processo de inclusão de surdos.

DESCRITORES: *Contratransferência, inclusão, psicodinâmica, interpretação de língua de sinais.*

ABSTRACT

In psychoanalysis, the psychic manifestations should not be perceived as random, because they always carry a latent intentionality. This psychodynamic perspective, grounded in Freudian contributions on the transference phenomenon, is due to mobilized reactions on the educational sign language interpreter that can, directly, interfere on the relationship quality with the deaf student. By the evidenced problematic on this study case, it is suggested that orientation cores are created, composed by psychologists (internal) and consultants (external) which assist the professional interpreters, for the following up and promotion of necessary

interventions to deal with emotional affective implications caused by the deaf inclusion process.

KEYWORDS: Countertransference, inclusion, psychodynamic, sign language interpretation.

INTRODUÇÃO

O presente estudo se dedica a evidenciar a dinâmica relacional entre o intérprete de língua de sinais e o aluno surdo na sala de aula inclusiva, instigando novas pesquisas e críticas em benefício da área de surdez, tradução e interpretação. O Artigo 7º da lei número 12.319, de 2010, que regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais, considera que "o intérprete deve exercer sua profissão com rigor técnico, zelando pelos valores éticos a ela inerentes, pelo respeito à pessoa humana e à cultura do surdo e, em especial: [...] pela imparcialidade e fidelidade aos conteúdos que lhe couber traduzir". A problemática incide nas possibilidades dessa prática profissional imparcial, que não deve se referir ao que o intérprete inevitavelmente sente, mas ao que ele faz a partir do que sente.

MÉTODO

A leitura psicanalítica, na qual se fundamentam as proposições deste estudo de caso, parte de um contexto inclusivo que se refere à parceria entre uma escola bilíngue para surdos e uma escola regular de Ensino Fundamental e Médio, ambas de ensino privado. Os alunos surdos são provenientes da escola bilíngue, em que a primeira língua é a Libras e a segunda, a Língua Portuguesa na modalidade escrita. Na escola regular, onde o programa inclusivo se inicia a partir do 6º ano do Ensino Fundamental, os alunos surdos são incluídos em sala de aula com a presença de intérpretes de língua de sinais. Os intérpretes são organizados em equipe, com um método de trabalho coletivo que propicia o desenvolvimento de parcerias através de reuniões periódicas, oficinas e treinamentos para uma formação continuada, o que garante um ambiente de troca de experiências e incentivo à prática reflexiva, além da articulação de estratégias para resolução de situações-problema. A escola regular referida conta com uma equipe de orientação psicopedagógica que assiste e promove intervenções entre alunos, famílias, docentes e intérpretes.

CONCLUSÕES

Conclui-se que a afetação contratransferencial do intérprete pode servir como norteador para compreender o lugar em que ele está sendo colocado pelo aluno surdo. Se o sentimento for atuado (*acting out*), o fenômeno pode ser um grande obstáculo, mas quando contido e compreendido, serve como instrumento de percepção de si e do outro. Frente à análise do estudo de caso, sugere-se a criação de núcleos de orientação, compostos por psicólogos (do quadro de colaboradores) e consultores (externos) que assistam aos profissionais intérpretes, além de reuniões regulares de equipe, para que se promovam e acompanhem as devidas intervenções que as salas de aula inclusivas demandam, garantindo um bom trabalho coletivo, uma inclusão assistida e o adequado manejo das implicações afetivo-emocionais inerentes a ela.

ESTUDO DE CASO:

O intérprete: Renato¹ tem 24 anos, é psicólogo recém-formado e intérprete de língua de sinais. Desde sua adolescência se dedica ao uso da Libras. Sua relação com os surdos se estreitou quando prestou trabalhos voluntários na área de inclusão, aos seus 15 anos. Os amigos surdos, na época, o encorajaram a investir em sua formação acadêmica, a fim de atuar como intérprete profissionalmente. Renato tem um perfil dominador e ambicioso, o que o impulsionou a fazer diversos cursos, conquistar certificações importantes e prestar serviços em reconhecidas instituições de ensino. Recentemente, o jovem profissional começou a trabalhar em uma escola de Ensino Fundamental e Médio como intérprete em sala de aula inclusiva.

O aluno: Luis é uma criança surda de 12 anos que fora alfabetizada em uma escola bilíngue, que ensina a Libras como primeira língua. Mora com a mãe, a irmã, 5 anos mais velha, e a tia, todas ouvintes. O garoto foi transferido há pouco tempo para a mesma instituição em que Renato atua, cursando o 6º ano numa turma de 18 ouvintes e mais seis surdos. Luis se apresenta como um garoto que tem ciúmes das demais crianças surdas e sempre exige mais atenção do seu intérprete de língua de sinais. Queixou-se do profissional em diversas ocasiões por sentir que o mesmo olhava mais para os outros do que para ele durante a interpretação

¹ O caso apresentado sofreu alteração dos dados, o que não compromete seu conteúdo, e conta com personagens fictícios com o objetivo de preservação da identidade dos referidos.

simultânea das aulas. Suas notas não andam bem e atribui isso ao medo de fazer perguntas na aula, por considerar Renato censurador.

A relação: A frequência das queixas de Luis fez com que o intérprete se interessasse em compreender melhor a essência dessa relação. Renato percebeu, então, o quão impaciente, cansado e irritado se sentia ao interpretar para Luis, embora constantemente se esforçasse em superar esses sentimentos e atuar eticamente. Notou, ainda, que sentia um certo prazer ao ver o aluno levando broncas por suas notas ruins, pois assim, podia revidar as investidas de Luis através das interpretações – às vezes exageradas – destes discursos dos professores e da orientação psicopedagógica. “*Quando ele falta à aula, tudo parece fluir bem melhor*”, pensava o intérprete. Durante uma reunião de pais em que os alunos surdos foram convidados a dar uma devolutiva sobre o trabalho dos professores e de Renato, os seis afirmaram prontamente que não compartilhavam do desconforto de Luis. Asseguraram ainda que o profissional sempre foi agradável e suas interpretações suficientemente claras. Esses eventos levaram o intérprete a pesquisar a história de Luis junto à sua coordenação.

O levantamento: Ao pesquisar os prontuários de rendimento escolar, descobriu-se que o aluno trazia consigo uma importante vivência de abandono, que na época comprometeu diversos eixos de sua vida, principalmente de desenvolvimento das relações sociais e da aquisição da língua de sinais. Sua professora da antiga escola bilíngue relatava que, concomitantemente à mudança do pai de Luis para outro estado, suas produções acadêmicas haviam sido consideravelmente afetadas, além disso, a criança se tornara rude e agressiva. Segundo relato da coordenação pedagógica, as tentativas do garoto de manter contato com o pai foram frustrantes, pois ele fazia questão de explicitar seu descomprometimento com o filho surdo, respondendo apenas às cartas remetidas por sua irmã mais velha, Luísa. Algum tempo atrás, numa das reuniões de pais em que a mãe obrigava o pai a participar, ele se referiu, preconceituosamente, à língua de sinais como “*mímica de circo*” (sic). Segundo a família, o pai desviava o olhar do filho sempre que ele fazia algum sinal: “*se não é pra falar direito, que não fale!*” (sic).

A hipótese: Com todos estes dados, Renato supôs que essas vivências poderiam explicar o comportamento de Luís com a repetição de um protótipo infantil experimentado sob a forma de transferência. Assim, o modelo de figura paterna marcada como ausente, hostil e ameaçadora, poderia ter sido evocado, permeando também a relação aluno-intérprete.

DISCUSSÃO

Para a teoria psicanalítica,

todas as manifestações psíquicas e comportamentais são elevadas [...] ao nível de ato psíquico que tem um sentido, uma intenção e um lugar na vida psíquica do indivíduo e se coloca, assim, acima da aparência de estranheza, incoerência e absurdo [...] é o totalitarismo deste determinismo funcional que impõe uma decifração de sentido e uma identificação de intencionalidade, mesmo aonde os eventos parecem seguir uma causalidade mecânica ou ocorrer aleatoriamente. Nestes casos supõe-se uma intencionalidade inconsciente e um sentido encoberto (latente). (FIGUEIREDO, 2008, pp. 96-97).

Nesta perspectiva psicodinâmica freudiana, em que se baseiam as presentes proposições, discorre-se a respeito das relações humanas como permeadas por vínculos afetivos recheados de emoções, que mobilizam reações nos envolvidos e podem interferir diretamente na qualidade da relação. Conclui-se que a interação entre o intérprete de língua de sinais educacional e o aluno surdo também sofre influência destes conteúdos latentes, principalmente sob a perspectiva de que o profissional intérprete segue exposto aos mesmos alunos, de 5 a 9 horas diárias, por meses, enquanto os docentes, embora também afetados, se revezam em aulas de cerca de 50 minutos.

Os conceitos de transferência² e contratransferência³ são, a rigor, voltados à clínica psicoterapêutica, e se tem clara a finalidade da articulação deste fenômeno no *setting* psicodinâmico. O complicador manifesto é que mobilizações afetivo-emocionais são observadas em todas as relações interpessoais e guardam suas peculiaridades em salas de aula inclusivas: o vínculo e a relação afetiva são inerentes ao trabalho do tradutor intérprete de língua de sinais na Educação. Então, o que fazer com essa afetação mútua? Em princípio, cabe sugerir que os sentimentos ora denunciados não sejam vistos pelo intérprete com movimento evitativo, pois uma transferência positiva – embora jamais seja garantida devido à sua natureza intersubjetiva – é fundamental para o processo de ensino-aprendizagem. Em contraponto, a formação do vínculo que compõe essa dinâmica não legitima uma postura assistencial. Para KUPFER (2000), transferir é "atribuir um sentido especial àquela figura determinada pelo desejo". Afinal, como alcançar ponderação?

² "O processo pelo qual desejos inconscientes se atualizam sobre determinados objetos no quadro de um certo tipo de relação estabelecida com eles e, eminentemente, no quadro da situação analítica. Trata-se aqui de uma repetição de protótipos infantis vividos com um sentimento de atualidade acentuada." (LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J., 2004)

³ "Conjunto das reações inconscientes do analista à pessoa do analisando e, mais particularmente, à transferência deste." (LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J., 2004)

MALDONATO e CANELLA (2003) definem transferência como "o conjunto de sentimentos e reações mobilizados no cliente, não exatamente pela pessoa real do profissional, mas pelas distorções perceptuais do cliente que determinam a maneira pela qual este vê o profissional". Para Freud (1905), no manejo clínico, o fenômeno fala de

uma série de experiências psíquicas prévia é revivida, não como algo passado, mas como um vínculo atual com a pessoa do médico. Algumas dessas transferências em nada se diferenciam de seu modelo, no tocante ao conteúdo, senão por essa substituição. São, portanto, para prosseguir na metáfora, simples reimpressões, reedições inalteradas.

Fazendo a aplicação desses conceitos para a dinâmica de sala de aula inclusiva, pode-se compreender que Luis experimentou, transferencialmente, a repetição de um modelo infantil de relação. Assim, o protótipo de figura paterna, marcada como ausente, hostil e ameaçadora, pode ter sido evocada com o seu intérprete.

É possível inferir que este primeiro movimento ocorrido na relação aluno-profissional não dependeu da pessoa real do intérprete, mas houve um fenômeno transferencial, que consistiu no aluno repetir com ele o modelo de relação que tinha com o pai, atribuindo-lhe a mesma percepção afetivo- emocional. É como se a criança revivesse o abandono e a hostilidade paterna, depositando no profissional intérprete uma herança emocional, carregada de possíveis conflitos e expectativas.

Toda esta dinâmica precedeu um novo "conjunto de sentimentos e reações mobilizados no profissional que determinam a maneira pela qual este vê o cliente" (MALDONATO e CANELLA, 2003), a contratransferência. O mesmo fenômeno é observado quando o intérprete capta⁴ estes sentimentos para si e, eminentemente, se estabelecessem reações de contrapartida, desta vez, atuando (*acting out*⁵) sob suas próprias distorções perceptuais de protótipos e vivências infantis. Há ainda o risco do intérprete receber as investidas como aversivas à sua técnica de trabalho e reagir com irritabilidade. Consequentemente, o profissional, sem perceber que sua atuação está revestida de sentimentos contratransferenciais, e até mesmo afetada narcisicamente, pode tomar posição ativa no conflito ao cristalizar a dinâmica transferencial que fora disparada.

⁴ Alusão ao mecanismo de introjeção que "está estreitamente relacionada com a identificação" (LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J., 2004) em psicanálise, isto é, primeiro introjeta-se o conteúdo e depois identifica-se com ele.

⁵ Termo utilizado pela psicanálise para se referir às respostas afetivo emocionais e comportamentos mobilizados a partir da contratransferência.

Assim, como exemplo de *acting out* – atuação contratransferencial não contida – o intérprete potencializa um discurso em que o professor repreende o aluno surdo, tomando carona na preleção dele para viabilizar uma descarga de tensão⁶ gerada no inconsciente⁷ e, conseqüentemente, legitimando o sentimento ora transferido enquanto ainda desencadeia reações complementares que perpetuarão o jogo transferencial. É a combinação perfeita entre um aluno carente e um intérprete dominador.

O trabalho do intérprete fica mais fácil quando ele toma ciência de que os alunos surdos aos quais prestará serviços, assim como ele mesmo, trazem consigo marcas inconscientes e vivências originárias mobilizadoras de sentimentos bons e maus. Estas forças reguladoras oriundas do psiquismo, carregam uma intencionalidade inconsciente e um sentido latente (FIGUEIREDO, 2008), além de impulsos desejosos por encontrar referenciais de identificação, que estarão o tempo todo em jogo nessa relação. Contudo, este profissional deve estar ainda mais ciente de que não está na posição de psicoterapeuta, e as intervenções nesse contexto não devem ser aleatórias, mas estudadas, conduzidas e assistidas por outras instâncias da instituição educacional.

ZIMERMAN (2004) se refere ao bom manejo contratransferencial como “*bússola empática*”. Nesse contexto, a afetação do intérprete pode servir como norteador para compreender o lugar em que ele está sendo colocado pelo aluno. Se atuado (*acting out*), o fenômeno pode ser um grande obstáculo, mas quando contido e compreendido, serve como instrumento de autopercepção.

Havia seis outros alunos surdos satisfeitos com o trabalho do intérprete que tiveram com ele uma experiência transferencial positiva. Assim, é fácil imaginar que a tendência do profissional será de atuar defensivamente com mensagens verbais e não-verbais que demonstrem identificação e formação de aliança com os demais estudantes e conseqüente exclusão do aluno insatisfeito.

⁶ Os conteúdos inconscientes “fortemente investidos pela energia pulsional, procuram retornar à consciência e à ação (retorno do recalado); mas só podem ter acesso ao sistema Pcs-Cs nas formações de compromisso, depois de terem sido submetidos às deformações da censura.” (LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J., 2004)

⁷ “[...] designa um dos sistemas definidos por Freud no quadro da sua primeira teoria do aparelho psíquico. É constituído por conteúdos recalados aos quais foi recusado o acesso ao sistema pré-consciente-consciente pela ação do recalque.” (LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J., 2004)

Frente à análise do estudo de caso, sugere-se a criação de núcleos de orientação, compostos por psicólogos (do quadro de colaboradores) e consultores (externos), que assistam aos profissionais intérpretes, além de reuniões regulares de equipe, para que se promovam e acompanhem as devidas intervenções que as salas de aula inclusivas demandam, garantindo um bom trabalho coletivo, uma inclusão assistida e o adequado manejo das implicações afetivo emocionais inerentes a ela.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. **MALDONATO**, Maria Tereza; **CANELLA**, Paulo R.; Recursos de Relacionamento para Profissionais de Saúde: boa comunicação com clientes e seus familiares em consultórios, ambulatórios e hospitais.
Rio de Janeiro: Reichmann & Affonso Editores, 2003
2. **FIGUEIRA**, Sérvulo Augusto; Contratransferência: de Freud aos contemporâneos
São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994
3. **SIMONETTI**; Alfredo; Manual da Psicologia Hospitalar: O mapa da doença
São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011
4. **ETCHEGOYEN**, R. Horácio; Fundamentos da Técnica Psicanalítica
Porto Alegre: Artes Médicas, 1987
5. **KUPFER**, Maria Cristina Machado; Educação para o Futuro: Psicanálise e educação
São Paulo: Editora Escuta, 2000
6. **FREUD**, Sigmund; Um caso de histeria. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos - Obras completas de Freud
Rio de Janeiro: Editora Imago, 1980. Volume VII 1901-1905

7. **WATANABE**, Olga Maria; Duas concepções sobre o processo ensino-aprendizagem: tradicional e cognitiva.
São Paulo: Centro Universitário FMU, 1989 (rev. em 2009). 23p. (texto não publicado).
8. **ROUDINESCO**, Elisabeth; Dicionário de Psicanálise
Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
9. **FIGUEIREDO**, Luis Claudio Mendonça; Matrizes do Pensamento Psicológico
Rio de Janeiro: Vozes, 2008
10. **ZIMERMAN**, David E.; Manual de Técnica Psicanalítica
São Paulo: Artmed, 2004
11. **LAPLANCHE**, J., **PONTALIS**, J.; Vocabulário da Psicanálise
São Paulo: Martins Fontes, 2004
12. **BERGER**, Kathleen Stassen; O Desenvolvimento da Pessoa: Do Nascimento à Terceira Idade
Rio de Janeiro: LTC, 2011